

Ainda bem que existe este livro. Contribui de maneira honesta para mostrar que aquele tempo existiu, o underground existiu. E mesmo que não consigamos explicar completamente o quanto que significou para nós, este livro ajuda-o a permanecer durante mais algum tempo, faz com que um pouco daquilo que o underground foi continue a existir agora.



quadro de honra loud!

Este livro não segue as normas do novo Acordo Ortográfico



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Prefácio

Underground Forever

Por José Luís Peixoto

Estamos aqui. Chegará um dia em que tudo o que constitui este instante será passado. Essa é uma verdade simples de que ninguém duvida. Aceitamo-la enquanto teoria que conhecemos desde sempre, certeza que faz parte do essencial. No entanto, quando esse dia chegar mesmo, quando tudo o que constitui este *agora* estiver à beira de desaparecer, havemos de admirar-nos com a fugacidade do tempo e da vida.

O entendimento que os seres humanos têm do tempo depende da sua perspectiva, do que viveram, do que esperam viver, do que estão a viver. Agora, temos problemas e desafios que nos parecem enormes. Neste momento, são tudo. Daqui a algumas semanas, meses ou anos, quando já conhecermos o desenlace que inevitavelmente terão, havemos de relativizá-los porque, nessa altura, já estaremos frente a outros problemas e a outros desafios, a nossa perspectiva terá mudado.

O presente é uma espécie de quarto, estamos nele. Sabemos que a casa tem outras divisões, somos capazes de imaginá-las, mas não é lá que estamos, a sua realidade não é concreta. Escolhi comparar o presente com um quarto porque foi no meu quarto de adolescente que, pela primeira vez, ouvi uma grande parte da música que está referida neste livro.

Terminavam os anos oitenta, começavam os anos noventa. Eu tinha 16, 17, 18 anos. O primeiro concerto a que assisti da música que eu

gostava foi Ratos de Porão, na Incrível Almadense, em janeiro de 1991. A primeira parte foi feita por Procyon, uma banda que, então, tinha uma demo tape de sucesso e um teledisco, como dizíamos, que passou no Pop Off, o programa de televisão que dava no segundo canal a horas que eram tardias para mim porque, nas manhãs seguintes, entrava cedo na escola.

Esse concerto ficou conhecido por alguns mitos, como o boato generalizado de que tinham morrido pessoas do público. Não sendo verdadeiro, esse boato era bastante verosímil. Ao longo do concerto, foram muitos os que se lançaram dos balcões mais altos da Incrível Almadense, como aliás ficou registado em algumas fotos impressionantes do Cameraman Metálico, também ele uma instituição que marcou esses anos.

Faz muito sentido que a primeira banda a que assisti ao vivo pertencesse ao chamado crossover. Os Ratos de Porão estiveram entre as primeiras grandes bandas que misturaram metal e hardcore. Essa era também a minha filiação. Depois de começar a ouvir metal no início da adolescência, a rebeldia social do hardcore cativava-me. Estas palavras são muito insuficientes para descrever a importância que esse concerto teve para mim.

No ano passado, vinte e cinco anos depois, cruzei-me com o João Gordo, vocalista dos Ratos de Porão, no parque de estacionamento de um centro comercial em São Paulo. Abordei-o e disse-lhe que tinha estado lá, nesse concerto. Ele disse “sim, sim” e fez algumas piadas por eu ser português. Não lhe levei a mal, mas fiquei a pensar nesta dicotomia passado/presente.

Em 1991, no Alentejo, eu maltratava uma pobre guitarra Fender numa banda chamada Hipocondríacos. Escolhemos o nome com um dicionário na mão. Nos flyers que enviávamos com a correspondência, definíamos o nosso som como hardcore/grindcore. Sem recursos e sem talento, tentávamos imitar algumas das bandas mais intensas a que conseguíamos chegar: Napalm Death, Slayer, Extreme Noise Terror, etc.

As nossas glórias foram: 1) os ensaios, onde se juntavam sempre meia dúzia de amigos; 2) um par de demo tapes que registámos diretamente com um gravador (rec+play); 3) a inclusão em algumas compilações de bandas portuguesas em cassette; 4) a primeira parte de um concerto dos Braindead que, na altura, tocavam um thrash que adorávamos.

Creio que já ouvi mais vezes o nome dessa minha banda depois de publicar livros, quando me perguntam acerca disso em entrevistas, do que durante os dois anos que durou. Ainda assim, a importância que teve para mim é enorme e difícil de quantificar. Devido a essa experiência, respondi a inúmeros questionários de fanzines. Neles, era obrigado a encontrar palavras que definissem aquilo em que acreditava. Crescia assim.

Recordo esse passado com muito detalhe. Consigo ainda sentir como o vivia quando era presente. Também essa sensação é inexprimível. Levo dentro de mim o que ainda está vivo desse passado. Quando conto as suas histórias a quem não as viveu, parece-me que não consigo explicar realmente o que pretendo dizer.

Talvez seja assim com todas as épocas. Com muita probabilidade, no futuro, haverá alguém a tentar explicar este momento, este *agora*, e a não ser capaz de fazê-lo completamente. Será alguém com os olhos a brilhar, que dirá “naquele tempo”, que terá uma expressão oblíqua por se sentir incompreendido.

As páginas que se seguem trazem-me muitas lembranças e, em vários casos, arrumaram-me a memória. Ao longo dos anos 90, fui uma das cabeças que abanaram em concertos de bandas como os Sacred Sin, os Shrine ou os Decayed. Tive as demo tapes e, depois, os discos de bandas como o Thormenthor ou os Mata-Ratos. Assisti a concertos memoráveis de bandas como os Ramp ou os Mão Morta. Andei em concertos da margem Sul, da linha de Sintra, Linda-a-Velha, Sacavém, Alverca, Juke Box, Ritz Club, Rock Rendez Vous, etc.

Este livro contém duas bandas a que, pelo muito que partilhámos, não poderia deixar de fazer uma menção especial. É esse o caso dos X-Acto, que contribuíram muito para a minha formação ética e com quem partilhei anos que jamais esquecerei. E é também o caso dos Moonspell, família, irmãos com quem posso sempre contar e podem sempre contar comigo. Sem falsas presunções, de uma forma que só eu e eles sabemos, os X-Acto e os Moonspell deram-me o privilégio de sentir que também fiz parte dessas bandas. Essa é uma experiência que me sensibiliza profundamente, que me define e que levarei por toda a minha vida.

Ainda assim, quando recebi o convite para escrever estas palavras, perguntei-me se seria merecedor desta honra. As páginas deste livro evocam um tempo que é maior do que cada um de nós.

Quem passou pelo underground, como sempre lhe chamámos, sabe o quanto aprendeu. O underground significava não esperar por ninguém para fazer o que queríamos fazer, o que tínhamos de fazer, o que nascemos para fazer. O underground significava acreditar. Sem essa experiência, não estaria aqui.

Underground forever, escrevíamos nós no fim das cartas que enviávamos com selos cobertos por cola, para serem usados muitas vezes. Cooperation, not competition, escrevíamos também.

As bandas que encerram este livro são herdeiras desse tempo. Noutra época, com vantagens e desvantagens, mostram que os problemas e os desafios não terminaram, nunca terminam.

Ainda bem que existe este livro. Contribui de maneira honesta para mostrar que aquele tempo existiu, o underground existiu. E mesmo que não consigamos explicar completamente o quanto que significou para nós, este livro ajuda-o a permanecer durante mais algum tempo, faz com que um pouco daquilo que o underground foi continue a existir agora.

QUADRO DE HONRA



MÃO MORTA

«*Mutantes S.21*»



Por Ricardo S. Amorim

Sexo, drogas e degolações. Chulos e as suas pequenas, carteiristas marroquinos e dealers ladrões. De Lisboa a Budapeste, da Red Light de Amesterdão à Place de la République de Paris, «*Mutantes S.21*», o quarto disco da mítica banda de Braga, desafia regras e geografias numa odisséia de crime e Rock N'Roll, do qual é o seu expoente máximo português. Escolha tão natural quanto óbvia para estreiar o nosso Quadro de Honra, e com 2012 a marcar o vigésimo aniversário desde a sua primeira edição, Adolfo Luxúria Canibal contou à LOUD! a história de «*Mutantes S.21*».

Depois de «OD, Rainha Do Rock & Crawl», a banda passou uma fase complicada, com muito poucos concertos durante 1991. O que recordas deste período? Chegou a ser equacionado o fim?

Não, o fim nunca foi equacionado. Mas sentia-se um desalento, uma espécie de impotência face a uma realidade que não nos estava a incluir e a considerar. Parecia que não existíamos: dispersos geograficamente, sem contactos entre nós, sem nada que nos galvanizasse, sem concertos, sem objectivos nem projectos em mão, com os dois últimos álbuns a terem problemas de edição e a saírem em câmara lenta, diluídos no tempo, sem grande impacto, tinha-se instalado uma inércia que poderia levar a uma extinção natural.

Como começou a ser preparado este disco? Decidiram, a certo ponto, começar a compor ou era, na altura, um processo constante?

Eu tinha já escrito duas letras e tinha uma vaga ideia de trabalhar um hipotético disco sobre cidades, tendo chegado a referir isso numa entrevista ao Rui Miguel Abreu para o *Se7e*, no âmbito da promoção do «O.D., Rainha Do Rock & Crawl». No seguimento, fui maturando essa ideia e escrevendo mais letras. Quando senti, em finais de 1991, que não se passava nada e que o grupo caminhava para a extinção por inércia, fui falar com o Vítor Silva, o nosso *manager* da altura. Fiz-lhe o retrato da situação, algo que ele também já sentia, concordámos ambos ser necessário um objectivo que galvanizasse o grupo e o retirasse da inércia instalada, e expus-lhe a minha ideia do disco sobre cidades, mostrando-lhe as letras que já tinha escrito. O Vítor adorou a ideia e disse que a viabilizava.

Tratou de elaborar um esquema financeiro que permitisse a gravação e edição do disco nas melhores condições possíveis e eu comuniquéi ao resto da banda que tínhamos um disco para fazer e a ideia de o trabalharmos à volta de cidades, do espírito de algumas cidades encarnado numa vivência criminosa e marginal que as reflectisse. A banda entusiasmou-se com a ideia e partimos para a sua composição.

Como recordas esse processo de composição?

Foi uma festa! O grupo reencontrou-se, toda a gente andava empolgada, com ideias, os ensaios eram recorrentes, parecia que a banda tinha renascido. Eu apresentava as letras e dava indicações musicais do que se ouvia nas diferentes cidades, do ambiente musical que as caracterizava num dado momento de referência e depois o Carlos Fortes (ou o Miguel Pedro, relativamente a Amesterdão, cidade que ele imediatamente açambarcou) desenvolvia essas informações em termos musicais, em casa, e apresentava o resultado no ensaio seguinte. E a partir daí trabalhávamos em conjunto a ideia musical, muitas vezes já com a própria estrutura pronta. Mas a criatividade colectiva não se resumia à música, pois em paralelo trabalhávamos outras ideias, que viriam a concretizar-se, por exemplo, na edição especial em vinil com a banda-desenhada, e que passavam por todo o processo de edição e apresentação do disco.



Recordam-se do que ouviam na altura, e que tipos de sonoridades puderam ter alguma influência na música de «Mutantes S.21»?

O que ouvíamos na altura julgo que não era relevante. Lembro-me do Carlos Fortes nos ter feito descobrir a Jon Spencer Blues Explosion ou de uns amigos alemães me terem oferecido o «Drinkin', Lechin' & Lyin'» dos Boss Hog... mas o princípio de composição era pegarmos nas referências musicais que associávamos às cidades. Por exemplo, para o «Barcelona» achei que era importante o Flamenco, género que o Carlos Fortes estilizou depois no solo de guitarra; para «Marraquexe», para além da óbvia música árabe, que é citada na vocalização, as referências musicais dadas ao Carlos Fortes foram o reggae e o disco, que eram os géneros externos à cultura local mais consumidos então na cidade; para o «Amesterdão», a referência foi o hard rock dos anos 70 e a cultura *freak* e *biker*; para o «Budapeste» achámos que os Velvet Underground sintetizavam a miscelânea de géneros e subgéneros então consumidos na cidade, após a queda do Bloco de Leste e a sua abertura ao Ocidente e à cultura Pop...

Como correu a fase de gravação e produção do disco?

Correu muito bem. Conhecemos o José Fortes, que nos desvendou



verdadeiramente os segredos básicos do funcionamento de um estúdio e os truques para uma captação óptima, bem como as prioridades e os cuidados a ter em conta num processo de gravação. De resto, nós já levávamos o trabalho de casa todo feito, sabíamos o que queríamos e como o queríamos, como o disco deveria soar, e o José Fortes compreendeu-o e foi essencial para que o resultado final espelhasse essa nossa vontade.

Como surgiu a ideia do conceito do disco, correspondendo cada tema a uma cidade e a um crime?

A ideia surgiu a partir das letras de «Berlim» e de «Istambul», que foram feitas ainda sem pensar num disco, apenas como fixação de impressões deixadas por essas cidades. Depois, tendo duas cidades, porque não fazê-lo com mais cidades? E porque não musicar essas impressões e fazer disso um disco? Como «Berlim» e «Istambul» já retratavam um ambiente relacionado com uma marginalidade criminal, o objectivo foi continuar nessa senda, fazendo corresponder a cada cidade um crime que, de alguma maneira, a caracterizasse, uma espécie de psicanálise comportamental que a definisse, tal como se atribuem atributos femininos a determinados tipos de homicídio (por exemplo,

o envenenamento) e masculinos a outros (por exemplo, com armas de fogo).

Algum aspecto das letras foi baseado em viagens e experiências vividas, ou foram integralmente ficcionadas?

Foram todas baseadas no conhecimento pessoal de cada uma das cidades e em acontecimentos reais experienciados, embora depois devidamente ficcionados.

Tiveram também a ideia de acompanhar o disco com uma banda-desenhada. Como nasceu esse projecto?

Exactamente como nasceu já não me recordo, mas surgiu no meio do frenesim criativo a que a composição do disco deu azo. Ia ser a nossa primeira edição em CD e, supostamente, a última em vinil, acompanhando as alterações tecnológicas que estavam a ocorrer e que remetiam o velho LP para o caixote do lixo da História. Ora o LP fazia parte da nossa cultura musical, era um objecto que adorávamos, e o CD, apesar dos ganhos aparentes na limpeza do som, não nos convencia, sobretudo como objecto. Assim, quisemos despedir-nos do formato com uma homenagem, valorizando aquilo que nele era mais marcante e que tanto nos tinha marcado: a sua imagem, as suas amplas superfícies susceptíveis de serem trabalhadas graficamente.

Houve também problemas com a própria edição, com a banda-desenhada que não chegou a ser incluída na primeira edição. O que aconteceu ao certo?

No esquema financeiro montado pelo Vítor Silva, os custos adicionais para a edição especial em vinil com a banda desenhada eram suportados por um patrocínio, tendo em contrapartida uma página de publicidade no próprio livro com a banda desenhada. No momento em que o tal patrocínio se devia concretizar, a empresa que a tal se tinha comprometido não cumpriu a sua obrigação e tivemos que parar todo o processo de impressão.

Na falta de outra alternativa, foi substituída pela Gardénia, a loja de roupas do próprio Vítor Silva, e o respectivo logótipo inserido na tal página de publicidade em substituição do da empresa inicialmente prevista. Tudo isto atrasou a feitura do livro de banda desenhada, que

só ficou pronto uns meses depois do disco ter sido editado, em CD e em vinil simples, em Dezembro de 1992. A edição especial em vinil com banda desenhada teria assim posterior edição específica em Maio de 1993.

O grande sucesso deste disco foi «Budapeste». Foi algo de inesperado para vocês?

Nós acreditávamos no disco, no seu todo, e esperávamos que tivesse impacto, mas o que se passou com «Budapeste» apanhou-nos, de certo modo, desprevenidos. Primeiro, porque tinha sido a última letra a ser terminada e o tema só foi composto, na sua estrutura, já em vésperas de entrar em estúdio; depois, porque, pela sua duração (mais de 5 minutos), não cabia nos parâmetros de duração dos temas vocacionados para a rádio. Na altura havia um programa semanal de televisão, o Pop Off, que fazia vídeos das bandas portuguesas não suportadas por multinacionais, e que já havia feito os vídeos do «Desmaia, Irmã, Desmaia» para o nosso disco «Corações Felpudos» e do «Quero Morder-te as Mãos» para o «O.D., Rainha Do Rock & Crawl», que se prestava para, novamente, nos fazer um vídeo do novo disco. Como realizador para a feitura do vídeo, a Latina Europa (empresa que produzia o Pop Off) destacou o Nuno Tudela, que se nos apresentou, depois de ouvido o disco, com vontade de trabalhar o «Budapeste». A Latina Europa produzia também, no início de 1993, o Vira O Vídeo, um outro programa de televisão, este diário, que tinha um top semanal de vídeos, alimentado pelos vídeos produzidos pelo Pop Off. E o «Budapeste», depois de apresentado no programa, nunca mais deixou o seu top, votado pelos telespectadores semanas a fio em n.º 1. Graças a essa exposição, o disco, que tinha sido editado em Dezembro de 1992, acaba por entrar para o Top Nacional de Vendas em Fevereiro de 1993 e, posteriormente, o «Budapeste», apesar do seu formato improvável, ganha *airplay* nas estações de rádio, nomeadamente na NRJ e na Rádio Cidade, então voltadas para o grunge depois do sucesso de «Nevermind» e dos Nirvana, cujas ondas de choque tinham chegado a Portugal no ano anterior.

Tanto pelas referências em «Budapeste» e «Amesterdão», como pela própria letra de «Lisboa», qual era a relação dos elementos dos Mão Morta com as drogas nesta altura?

Era saudável. As drogas faziam parte da cultura de rua do Ocidente, e de Lisboa em concreto, daí a referência a elas nas cidades em que a sua presença era mais incontornável e compunha um pilar basilar da ambiência marginal que se pretendia retratar. De resto, apenas José Pedro Moura tinha problemas com drogas, nomeadamente com a heroína, a ponto de se ter alheado quer da gravação do disco – tendo aparecido apenas uma tarde em estúdio, onde gravou unicamente o baixo de “Budapesté” – quer da sua edição – não aparece nem no vídeo de «Budapesté» nem nas fotos de promoção, por exemplo. Quando toma contacto com o disco, já feito, tem uma agradável surpresa e, entusiasmado, decide fazer uma desintoxicação e deixar a heroína...

À edição do disco seguiu-se “a digressão da loucura”. Foi a vossa fase de sexo, drogas e rock n’roll?

Não, foi mais sexo, álcool e rock’n’roll. O José Pedro tinha deixado a heroína e substituíra-a pelo álcool e trouxera com ele toda uma trupe de ex-adictos, que criaram à volta da banda todo um ambiente de festa e de loucura que acabou por nos contaminar. E o resultado não podia ter sido mais devastador...

Reeditaram recentemente o disco na caixa «Mão Morta 1988-1992». Porquê desta forma e não em separado?

Editámo-lo em caixa, juntamente com os discos anteriores, que correspondem todos à primeira fase da banda e, nessa medida, faz sentido estarem juntos, mas também o editámos em separado, tal como aos restantes três discos.

E aguardamos uma próxima edição do disco em vinil, que já devia ter acontecido, mas que, por motivos alheios à nossa vontade, tem sido adiada.

20 anos depois, como olhas para «Mutantes S.21»? Achas que resistiu ao teste do tempo, mudarias alguma coisa?

Sim, acho que resistiu perfeitamente ao teste do tempo. Fizemos uma produção sóbria, em função do que os temas pediam, com uma sonoridade intemporal, tendo por referência apenas o ambiente das cidades retratadas, num estúdio clássico, analógico, com um técnico experiente, sábio e desprezioso, que nos poupou às modas de estúdio ou de pro-

dução – e isso é essencial para que depois as coisas não soem datadas.
Não mudaria nada.



MÃO MORTA 1992

Adolfo Luxúria Canibal – voz

Miguel Pedro – bateria

António Rafael – teclado, guitarra

Sapo – guitarra

Carlos Fortes – guitarra

José Pedro Moura – baixo

Produção – José Fortes

Gravado entre Maio e Junho de 1992

nos estúdios Angel (Lisboa)

Edição – Fungui





THORMENTHOR

«*Abstract Divinity*»



Por José Miguel Rodrigues

Pioneiros da sonoridade black/death metal em Portugal, os THORMENTHOR gravaram quatro maquetas e um EP entre 1988 e 1991, estabelecendo-se como um dos porta-estandartes do boom underground do início dos anos 90.

Quando gravaram finalmente o disco de estreia, no Verão de 1994, já tinham desenvolvido a sonoridade única que os tornou lendários. Inspirado pela abordagem experimental de músicos como Voivod, Celtic Frost, Pink Floyd ou Karlheinz Stockhausen, «*Abstract Divinity*» apresentou uma visão muito própria do death metal técnico e, quase duas décadas depois, continua a soar tão relevante como a primeira vez que o ouvimos.

Quando o «*Abstract Divinity*» foi editado já tinham gravado quatro maquetas e um EP, estavam com sete anos de carreira e tinham ganho um certo estatuto.

Miguel Fonseca: Nós sempre fomos um bocado na onda das propostas que nos faziam, nunca fomos de andar à procura de editoras, nem de *managers*. Eventualmente foram as pessoas que vieram ter connosco.

João Paulo: Não havia internet, na altura... tínhamos de ficar à espera que chegasse uma carta. [risos]

Miguel Fonseca: O underground era todo feito pelo correio e funcionava tudo na base da amizade. Nós tivemos a sorte de ser dos primeiros a funcionar nesse aspecto, desde o princípio que começámos a corres-

ponder-nos com pessoas do mundo inteiro... Malásia, Peru, até na Índia havia bandas de black e death metal. Para nós, era impensável. Hoje em dia é perfeitamente normal, mas nos anos 80 não.

Algo evidente no álbum é a vossa evolução técnica em relação às demos.

Miguel Fonseca: Evoluímos muito num curto espaço de tempo. Eu tinha feito um curso de guitarra jazz, o Quaresma fez um curso de baixo eléctrico e, nessa altura, o J.P. também fez um curso de técnico de som, por isso estávamos todos no auge da técnica. Acho que talvez tenha sido exactamente por isso que o disco soa tão tecnicista. Que, curiosamente, não era nada do que ouvíamos na altura. Estávamos no início dos anos 90, que foi uma altura de grande descoberta musical para muita gente e nós não fomos uma excepção à regra. Ouvíamos muito grunge. Os Alice In Chains, os Soundgarden.

João Paulo: Os Voivod, que sempre foram uma enorme influência nos Thormenthor.

Pedro Quaresma: Os Celtic Frost.

Miguel Fonseca: Sim, mas isso eram as referências que já vinham de trás.

Na altura ficou toda a gente convencida que vocês andavam a ouvir Cynic, Death...

Pedro Quaresma: Não, não...

João Paulo: Isso era o que ouvíamos antes!

Miguel Fonseca: Nos anos 90 começámos a ouvir coisas completamente diferentes e, depois de gravarmos o «Abstract Divinity» e termos andado a dar concertos durante dois ou três anos, as influências mudaram mais uma vez.

Como é que começou o processo de composição do «Abstract Divinity»?

Miguel Fonseca: Primeiro fizemos uma pré-produção, depois de uma série de ensaios em Almada, no estúdio dos UHF. Passámos uns quantos meses lá fechados, a debitar decibéis pelos poros. Por acaso até tínhamos boas condições, apesar de na altura ser raro haver salas de ensaios em Almada.

E como é que chegam à sonoridade singular do disco, que era algo que naquela altura nunca tinha sido feito cá e que, mesmo depois de tantos anos, continua a ser própria dos Thormenthor?

Miguel Fonseca: Em termos de composição, o álbum é muito inspirado pela música contemporânea. Cenas tipo Karlheinz Stockhausen e outras coisas que eu ouvia muito na altura, música que me chegou aos ouvidos através de um programa de rádio chamado Musonautas, que era feito pelo Jorge Lima Barreto. Essas coisas influenciaram-me mesmo muito.

João Paulo: A desconstrução da música.

Miguel Fonseca: Exactamente! Desconstruir tudo o que tínhamos aprendido na altura tornou-se um objectivo, e essa parte tecnicista, quase de improviso, que saía nos ensaios, foi aproveitada para compormos o álbum. Foram meses, no Verão de 94, a ensaiar, a experimentar sons, harmonias, passagens e contra-tempos... O que estávamos a fazer eram, basicamente, interpretações “contemporâneas” dos riffs que nos iam surgindo.

O que deve ter representado bastante trabalho.

Pedro Quaresma: Pois, no estúdio e em casa, a desdobrar riffs. [risos] Tínhamos um desafio engraçado, que era eu nunca fazer o mesmo que o Miguel fazia. Há coisas bizarras, intervalos de meio-tom... Fazíamos riffs com intervalos de meio-tom, que geravam um efeito semelhante a um *chorus*. Ainda passámos ali muitas horas à volta das ideias... A criar, a explorar.

João Paulo: Nunca tocam a mesma nota ao longo do disco.

Pedro Quaresma: Nunca, nunca.

Miguel Fonseca: Daí as músicas praticamente não terem refrões, são uma série de ritmos sincopados e estruturas completamente *alien*. [risos]

João Paulo: Trinta riffs, um tema.

Um mito que se foi criando ao longo dos anos é que os Thormenthor eram, essencialmente, uma coisa do Miguel Fonseca. Nesta altura eram um esforço de grupo, certo?

Miguel Fonseca: Sim, sempre foram.

João Pedro: A composição principal era dele, mas quando as ideias chegavam à sala de ensaios tínhamos todos de trabalhar.

Miguel Fonseca: Sim, eu tinha uma ideia do que a música podia acabar por ser, mas cada um dava as suas sugestões e alterávamos as coisas como as queríamos tocar. Era um estilo muito livre de criação, sem ditaduras. [risos] Aliás, uma boa prova disso é que, à medida que fomos trocando de elementos, o som dos Thormenthor também foi mudando.

Porquê a opção pelos estúdios Sons do Mar em oposição aos Heaven Sound, que eram uma referência no underground da altura?

Miguel Fonseca: Ainda gravámos durante o Verão, mas entretanto o João Martins já tinha fechado o estúdio de vez. Assinámos contrato com a Morgana Records e foi o Duarte Dionísio que nos encaminhou para o Sons do Mar, que eram de um antigo sócio dos Heaven Sound. Os Bizarra Locomotiva tinham gravado o primeiro álbum lá e eu tinha participado nas sessões como guitarrista convidado, por isso já conhecia o estúdio. Além disso, também já conhecíamos o Luís Espírito Santo – o técnico com que trabalhámos e com quem tínhamos gravado o «Dissolved In Absurd» e o tema da «The Birth Of A Tragedy».

Pedro Quaresma: Se não me engano, não havia suporte de gravação digital nos Heaven Sound – lá era tudo analógico. Nos Sons do Mar gravámos em ADAT, que era uma coisa muito à frente para a altura.

Miguel Fonseca: E que nos deu muitas dores de cabeça. Eram duas cassetes S-VHS de oito pistas cada e primeiro que aquilo sincronizasse era uma eternidade. Lembro-me que demorámos imenso tempo com isso.

João Paulo: Eu lembro-me que o som não ficou nada como nós queríamos. O som do baixo não tinha nada a ver com o que eu tinha ouvido na gravação, o som da bateria era muito esquisito.

Miguel Fonseca: Isso ainda fez com que demorássemos mais tempo nas misturas.

Ainda estávamos no início do digital, estava tudo em processo de adaptação.

Miguel Fonseca: Ainda nem sequer havia mesas de mistura digitais. A mistura era feita com cinco ou seis mãos na mesa, a tentar fazer os *fades* nas pistas.

Pedro Quaresma: As panorâmicas, por exemplo, foram todas feitas à mão.

Miguel Fonseca: Hoje em dia é tudo automatizado. Na altura, se que-
rias fazer uma coisa, tinhas mesmo de tocar tudo do princípio ao fim
– não havia *copy/paste*.

Depois da pré-produção estavam bem preparados quando chegou a altura de gravar.

Miguel Fonseca: Completamente. Os *takes* de bateria, por exemplo, fo-
ram todos gravados em dois dias e, dali para a frente, o Pedro nunca
mais conseguiu tocar as coisas tão bem como no disco. Aquilo está gra-
vado a uma velocidade estonteante. Nem nós conseguimos tocar os te-
mas assim depois da gravação... [risos] Durante as captações não houve
problemas de maior, o mais demorado foram mesmo as misturas, por
causa dos problemas técnicos e porque foi difícil ficarmos satisfeitos com
o som.

João Paulo: E, na verdade, nunca ficámos totalmente satisfeitos.

Miguel Fonseca: Sobretudo porque cá em Portugal ainda não havia
um conceito de masterização que chegasse ao nível do que era feito lá
fora. Os discos tinham sempre um som muito baixinho, e quem compa-
rar uma gravação nacional dos anos 90 e outra actual, a compressão não
tem nada a ver.

Ouvi o disco há uns dias e tive de mexer no botão de volume da apare- lhagem, que era uma coisa que já não fazia há algum tempo.

Miguel Fonseca: Qualquer edição dos anos 90 tem um som muito mais
baixo. Basicamente o disco passava directamente da mesa de mistura
para um DAT, que seguia para a fábrica. Não havia nenhum compromis-
so digital ali no meio, era tudo muito relativo.

O álbum apresenta novos elementos, nomeadamente as partes “cantadas”.

Miguel Fonseca: Foi essencialmente pelo tempo que tivemos em estúdio
que deu para experimentar muitas coisas que nunca tínhamos feito até
à altura. As partes vocalizadas, “cantadas”, surgiram essencialmente no
seguimento da atitude experimental, queríamos tentar fazer outro tipo
de coisas que não eram costume no death metal. Além de sermos mais
tecnicistas e experimentais, tínhamos também essa parte... diferente, que
as outras bandas não tinham. Daí que o álbum não possa ser descrito

apenas como death metal. A parte industrial, por exemplo, também faz parte do «Abstract Divinity». Daí termos convidado o Armando Teixeira para participar na instrumental «Nebula» e na «Karma's Retribution», que foi um tema que recuperámos da nossa terceira maqueta, mas numa versão mais doom e industrial. Andávamos a ouvir muito Godflesh.

E porquê o Armando Teixeira?

Miguel Fonseca: Eu tinha participado no disco dos Bizarra Locomotiva no ano anterior – toquei várias vezes com eles depois do lançamento e acabei por entrar para o grupo no álbum a seguir – e o Armando gostava do nosso som e nós do que ele fazia nos Bizarra.

João Paulo: Basicamente foi a banda com que sempre encaixámos melhor e ainda tocámos juntos uma série de vezes. Não é que não nos dêssemos bem com os metálicos, mas acho que tínhamos mais em comum com o pessoal dos Bizarra...

Miguel Fonseca: Sim, estávamos mais ligados ao lado mais alternativo do underground. [risos]

Em que é que te inspiraste para escrever as letras?

Miguel Fonseca: Liricamente, o «Abstract Divinity» é tão confuso como a parte instrumental – precisamente para ilustrar o quão complexa é a música. São paisagens abstractas, esotéricas e atmosféricas. Há por ali muito psicadelismo também. Se houvesse duas coisas que pudesse identificar como influências neste disco, seriam os Pink Floyd na fase do Sid Barret e o Karlheinz Stockhausen. Ele, supostamente, desconstruía a música clássica e nós desconstruímos o death metal, envolvendo-o nessa atmosfera psicadélica.

João Paulo: Havia lá umas quantas coisas de sonhos teus, também.

Miguel Fonseca: Muitos sonhos, sim. Ainda hoje faço isso... quando acordo e me lembro daquilo com que sonhei, vou logo escrever. Isso não era uma coisa só daquela altura, foi algo que sempre fiz. O próprio Dali fazia isso, tinha sempre uma tela pronta para pintar as coisas com que sonhava. Eu tinha um gravador, para registar as ideias.

Visualmente, também é um trabalho bastante abstracto.

Miguel Fonseca: Basicamente, eu e o Quaresma decidimos fazer um apanhado das revistas do Reader's Digest e da National Geographic.

Fizemos um apanhado de imagens – umas coisas subaquáticas e outras de animais microscópicos – que nos chamaram a atenção e juntámo-las aos desenhos que eu fazia na altura e que já tínhamos usado na capa do «Dissolved In Absurd». Dentro do livreto há uma paisagem estranha, a pender para o psicadélico, que fui eu que fiz. Era algo que também fazia parte do nosso imaginário. A capa tem um cardume de lulas, suponho eu. [risos]

João Paulo: Tem uma libelinha, também.

Pedro Quaresma: E a escotilha de um submarino.

Há quanto tempo não ouvem o «Abstract Divinity»?

Miguel Fonseca: Eu ouvi-o há alguns meses, por acaso...

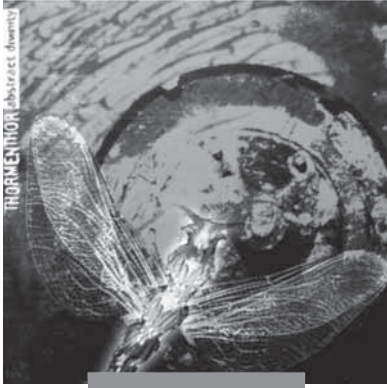
Pedro Quaresma: Eu ouço o disco regularmente. Primeiro porque é um trabalho que me orgulho imenso de ter feito, e depois porque estou sempre a mostrá-lo ao pessoal que não faz ideia de que fazia parte dos Thormenthor.

Aliás, agora percebo que muita gente conhecia a banda mas nunca tinha ouvido o disco. Até o tenho no iPhone. [risos] A sério... ainda bem que gravámos, porque muitas bandas da altura acabavam por nunca sair da sala de ensaios e foi bom termos registado aqueles temas.

João Paulo: Eu tenho andado em digressão com os Opeth e, um bocado por piada, mostrei-lhes o álbum. Depois de lhes dizer que tinha sido gravado em 1994, eles gostaram imenso. O Åkerfeldt apanhou logo a cena dos Voivod e tudo.

Miguel Fonseca: Na altura, o *feedback* que tínhamos era um bocado limitado, agora é tudo mais imediato, mas acho que o facto de continuar a haver gente interessada na banda é uma boa prova de que, se calhar, o que fizemos na altura estava à frente demais. As pessoas tinham alguma dificuldade em perceber o que estávamos a tentar fazer e, talvez por isso, o que fizemos continua a soar actual.

myspace.com/thormenthor



THORMENTHOR 1994

Miguel Fonseca – voz/guitarra

Pedro Quaresma – guitarra

João Paulo – baixo

Pedro Campos – bateria

Produção – Thormenthor

Gravado em Julho, Agosto, Outubro

e Novembro de 1994 nos estúdios

Sons do Mar (Costa da Caparica)

Edição – Morgana Records

abstract divinity





RAMP

«Thoughts»



Por Nelson Santos

Quando passam 20 anos sobre a primeira edição de «Thoughts», é importante mostrar a novos ouvidos e relembrar os mais esquecidos um dos registos referenciais do metal português. Munidos de uma boa demo-tape, cinco adolescentes repletos de sonhos e já muito talento, conseguiam então aquilo que se julgaria impossível na altura: contrato com uma multinacional, sem compromissos. Falamos de uma sonoridade maioritariamente thrash metal e uma obstinação que os levou a contrariar gente bem mais crescida em plenas sessões de gravação. O encanto de 1992 passou pela mítica abertura para os Sepultura em Cascais e pela fé inabalável em seis temas que ainda hoje ecoam no histórico de uma cena que, desde então, tem vindo sempre a crescer. Enquanto preparam uma edição retrospectiva de carreira, os três elementos “sobreviventes” do primeiro álbum receberam-nos no Seixal e foi em pleno rio Tejo que o vocalista Rui Duarte, o guitarrista Ricardo Mendonça e o baterista Paulo Martins revisitaram um passado saudoso.

Que tipo de sensações é que se vos acercam quando a vossa mente viaja até 1992, até aos tempos de «Thoughts»?

Rui: Muitas, diferentes... Alguma nostalgia, alguma saudade, mas também muito orgulho. Se recuarmos até ao contexto do trabalho musical

feito na altura, quer em termos de qualidade como de quantidade, eu continuo a achar que o «Thoughts» foi super importante, senão mesmo vital na história daquilo que é o metal feito em Portugal.

Ricardo: Sensações?... Gostava de voltar outra vez a esse tempo. Pelo menos éramos mais novos, tínhamos mais energia, estávamos mais predispostos a novas aventuras. Hoje sabemos mais... mas alguma inocência também era bom.

Paulo: Foram realmente tempos fantásticos. As coisas aconteciam de uma forma natural, tínhamos os nossos sonhos e, às vezes, era mesmo uma mar de rosas... Fomos aprendendo e acho que correspondemos às pessoas com quem trabalhamos.

Já passou muito tempo desde que ouviram o álbum pela última vez?

Rui: Nem por isso. Acho que o ouvi há cerca de mês e meio porque estamos a preparar um *best of*. Claro que achei imensa piada ao facto de eu ainda cantar pelo nariz!

Ricardo: A voz efeminada... [risos]

Rui: Eu gravei o «Thoughts» com dezassete anos. A inexperiência da altura fez com que muitos erros fossem cometidos, mas é um álbum que ouço e noto que tem ali algo especial. Para nós, que construímos o disco, traz-me à memória o local de ensaios, as histórias, os episódios em redor. Ouço a «The Last Child» e penso como aquilo nasceu de uma noite de Heinekens fora de prazo...

Realmente o contexto era diferente, havia muita inocência e acho que esse factor hoje está perdido, não só para bandas com o nosso tempo de duração, mas também nas bandas novas; parece que não têm essa inocência, essa magia. É mais uma obsessão por aprimorar só a parte técnica.

Musicalmente, como foi a construção do



«Thoughts»? Há ali influências do final da década de '80, o thrash metal está presente, há laivos do próprio speed metal, mas também temos uma balada; alguém trazia os riffs ou era em conjunto que tentavam criar a música?

Ricardo: Nós sempre tivemos uma maneira de compor um pouco complicada porque, geralmente, estamos todos juntos a fazer as músicas. É um processo moroso e tem de estar ao agrado de todos. E foi assim que o «Thoughts» apareceu – uma complicação que dava gozo.

Rui: Mal ou bem, todos os elementos dos Ramp tinham uma área de gosto comum, apesar de gostarmos de coisas diferentes. Assim como hoje. A parte mais agressiva, a parte mais rápida, a parte mais melódica, a mais calma, eram partes que vinham do Ricardo, como vinham do Paulo, minha, do Sapo ou do Tó-Zé. O «Thoughts» é talvez o álbum onde se nota mais essa miscelânea de influências e o speed metal está presente. Não vamos negar bandas como os Destruction, os próprios Helloween...

Ricardo: Agent Steel!

Rui: Bandas como essas faziam parte daquilo que era o nosso gosto musical e acabaram por influenciar um pouco esse primeiro registo. Depois, de alguma maneira, acabou por acontecer naturalmente que quase todos os elementos se afastaram um pouco dessa vertente e seguimos um trajecto que nos puxava mais para outro género de orientação musical, que não fazia com que perdêssemos a melodia, mas numa direcção meio diferente. Existem ali coisas que são mágicas. Em termos de riffs, eu tiro o chapéu ao Ricardo e ao Tó-Zé porque ainda hoje acho

que a guitarra tem uma mais-valia memorável em termos de musicalidade naquele disco.

Em 1993 sai uma edição do «Thoughts» em CD. Os três temas adicionais já reflectem um outro caminho nos Ramp ou é pura evolução dos seis primeiros?



Paulo: É sem dúvida uma evolução. Tanto a nível musical, em termos de composição, como de produção. Há uma diferença notória aí, está mais coesa. Esses três temas acabaram por ser a ponte entre o «Thoughts» e o «Intersection». Acho que é um elo de passagem natural numa banda.

Rui: Esses temas mostram um caminho mais próximo do sentido que nós queríamos. Por já termos gravado antes, tínhamos a noção de como queríamos que as coisas resultassem, o que poderia ou não resultar connosco e o que queríamos da própria sonoridade. Estando sempre à procura de algo melhor do que fizemos no passado, claro que no «Thoughts» ficou muita coisa por acabar. Nesses três temas, além de vincarmos uma característica cada vez mais própria, é exactamente o caminho que estávamos a querer seguir – o que vem a manifestar-se no próprio «Intersection». A segunda edição é igualmente um marco, mas a primeira, para mim, acaba por ser mais importante porque é o nascer de tudo.

O nascer de muita coisa também no metal nacional? Pela edição Polygram, consideram que é um marco para o próprio cenário português mais pesado?

Rui: À parte de eu ser dos Ramp, para mim o «Thoughts» foi um álbum de viragem. Tem um lugar quase cimeiro numa nova época que foi criada. Nós temos de encaixar o disco perante aquilo que é o pré-«Thoughts» e o pós-«Thoughts» e, sendo uma pessoa que conhece minimamente bem o metal em Portugal feito na altura, considero que foi realmente o ponto de partida para uma grande revolução. Em termos de produção, poderá ser um álbum que, ouvindo-o hoje, tem uma série de lacunas, mas ao mesmo tempo foi bastante atrevido. Até à altura, todos os registos discográficos foram caracterizados por enormes concessões, entre elas a linguística, de que os Ramp nunca abriram mão. Além disso, é um disco em que se esbate aquele atraso entre as produções nacionais e as que se faziam lá fora, na altura. Tivemos alguns problemas na gravação, é um facto, mas valeu aos Ramp serem tenazes e quererem levar a sua fórmula avante. Em termos de concertos também acho que o «Thoughts» inaugurou uma nova era, uma vez que veio proporcionar a outras bandas portuguesas poderem tocar mais com grandes nomes estrangeiros e com melhores recepções. O primeiro espectáculo que

demos a seguir à edição do álbum foi com os Sepultura em Cascais e penso que aí também foi um abrir de portas.

Ricardo: Deixa-me acrescentar que muito do que conseguimos também foi graças à aposta do Carlos Maria Trindade, que era o A&R da Polygram. Tivemos a sorte de trabalhar com um músico com uma visão diferente, não era meramente administrativa e apostava em coisas em que ele acreditava, independentemente do estilo musical. Nós não o conhecíamos de lado nenhum, mas foi uma pessoa bastante válida e que nos permitiu, a meio do processo de gravação do disco, simplesmente despedir produtores! Que, por sinal, eram amigos dele. O Carlos permitiu-nos sermos nós próprios.

Paulo: E já agora refira-se a Aurora Pinheiro. Na altura era manager dos Censurados e, depois de assistir a um ensaio nosso, foi ela que nos levou ao Carlos. Fizemos uma *tour* abrindo para os Censurados, promovemos o «Thoughts» na estrada e acho que foi a partir daí que as coisas começaram realmente a acontecer para os Ramp.

Diferenças. Naturalmente haverá muitas, mas, para vocês, quais são as principais entre estar nos Ramp em 1992 e em 2012?

Rui: Em relação à forma como encaramos os discos, acho que continua mais ou menos imaculada. Tentamos fazer o melhor possível a cada nova vez e levamos as coisas ao limite. Se calhar uma inconveniência resultante dessa nossa exigência é o facto das edições serem tão espaçadas. Essa perspectiva é a mesma, perdeu-se é alguma da tal inocência, mas por um lado é bom porque temos mais maturidade e uma noção mais real daquilo que rodeia uma banda. Continuamos a ter aquele encanto pelo trabalho nos Ramp, só é diferente porque já não há tanto o deslumbramento pela descoberta. Infelizmente, já aprendemos o *b-a-bá* de como isto funciona e garanto-te que há coisas que não são necessariamente agradáveis. Situações que, em certa altura das nossas vidas, já nos fizeram pensar se vale a pena fazer música ou não. Quando, de repente, és confrontado com certas realidades relacionadas com o negócio musical e a forma como as coisas acontecem... uma pessoa fica um pouco entristecida. Afinal, não basta só fazer música e fazê-la bem.

Ricardo: Talvez, por causa dessas situações, tenhamos perdido dois elementos. Tanto o Sapo como o Tó-Zé, de certa forma, cansaram-se

desta indústria, que chega a ser complicada. Quanto mais percebemos, mais nos podemos desiludir... e muitos não estão dispostos a isso.

Há interesse ou planos para reeditar o «Thoughts»?

Rui: Há procura pelo «Thoughts». Neste momento é um álbum de culto no meio underground. Há muitas pessoas que o tentam comprar e só é possível numa cópia em segunda mão. Sabemos até de situações de leilões na *net* em que o álbum é vendido por valores bem altos.

Paulo: Eu comprei. [risos] O álbum estava a 75 euros, mas vim a descobrir que era uma pessoa conhecida e vendeu-me por 25. Mas nota-se que há um interesse em torno do disco, sim.

Rui: Como tivemos uma viagem tortuosa no caminho editorial – cada disco, sua editora – isso torna o fundo de catálogo completamente disperso. O disco pertence ao grupo Universal e a verdade é que eles não mostram grande interesse numa nova edição, o que não quer dizer que não venha a acontecer no futuro. A ideia do *best of* é também a de uma retrospectiva da banda, mas não vamos regravar temas. Não temos vergonha do «Thoughts», foi gravado como foi e é assim. Vamos ter então uma compilação seleccionada entre todo o nosso material e um outro CD com seis covers gravadas recentemente, as versões «Try Again» e «Planet Earth» e ainda seis temas acústicos que estamos a ultimar.

Pelo que sei, continuam a tocar o tema título ao vivo. Algo que acham honroso para com o passado dos Ramp e que vos continua a dar gozo?

Ricardo: Quando o conseguimos tocar... [risos] Aquilo é puxadote.

Rui: É, acaba por ser um tema mais de teimosia do que de eficácia. Quando actuamos, o público que temos não é exactamente só o que nos conhece do «Thoughts»; temos público que começou com Ramp em todas as fases, inclusive só no «Visions» – e esse pessoal, quando ouve a música «Thoughts», fica um pouco... hã?! Tem esse efeito.

Ainda se lembram da maioria dos riffs dos seis temas originais, se fosse preciso tocá-los amanhã?...

Paulo: Então não lembro... como se fosse ontem! A sério, acho que basta só passar por aquilo uma ou duas vezes e vem tudo à memória.

Ricardo: Lembro-me até de coisas que nem sequer foram editadas no «Thoughts», partes de temas anteriores que continuam aqui, na cabeça.

E as letras, ainda estão todas aí?

Rui: Todas não, mas eu tenho um problema mesmo de Alzheimer. Acho que vou acabar a cantar – se houver hipótese para isso – com teleponto! Mas, por exemplo, quando pensámos em tocar o «Thoughts», pensei logo a seguir – “*não sei se me lembro do tema.*” Quando começámos a tocá-lo recordei-me logo da letra. Assim como do «The Last Child», quando gravámos agora o acústico, “apareceu-me” a letra. Elas estão lá nos confins das memórias.

Ricardo: Mas ele também tem a capacidade de encaixar a letra de uma música noutra diferente...

Rui: Sim, já aconteceu. E houve quem não desse por nada. [risos]

20 anos depois, «Thoughts» continua a ser razão de celebração? Está previsto algo especial para este ano, como por exemplo, um concerto comemorativo?

Rui: Há uma coisa que gostaríamos de fazer, mas não passa única e exclusivamente pela nossa vontade – um espectáculo em que conseguíssemos ter no palco o Sapo e o Tó-Zé; isso sim, para mim seria a celebração máxima e um momento bastante importante, juntando pelo menos esses dois personagens que, para mim, continuam a fazer parte dos Ramp. Mas isso depende de muitas variáveis e também da vontade deles.

www.rampmetal.com

ESTÓRIAS INESQUECÍVEIS

Ricardo: Para mim, inesquecível foi termos despedido os produtores! [risos] O Jorge Quadros e o Rui Fadigas fizeram um excelente trabalho em gravação e captação mas, depois nas misturas, o conceito deles não tinha nada a ver com o metal. Em plenas sessões decidimos que a coisa não estava a correr bem e conseguimos fazer o trabalho à nossa maneira.

Rui: Pessoalmente, a maneira como os Ramp aparecem a abrir para os Sepultura será inesquecível. Certa noite estou a dar uma entrevista no extinto Pop Off, falo sobre esse desejo, e, passado uma semana, a nossa manager recebe um telefonema da Tournée para abrimos para

Sepultura! Foi uma surpresa completa, ainda mais quando era só o terceiro concerto dos Ramp.

Paulo: Eu recuaria, ainda antes da edição do «Thoughts», a algo que foi extremamente importante para nós – conhecermos o Rock Rendez-Vouz. Um dia tivemos a oportunidade de tocar lá, abrindo para os Braindead. Quando acabámos, o técnico de som perguntou ao público – Querem mais Ramp? E toda a gente – Nããão! [risos]



RAMP 1992

Rui Duarte – voz

Ricardo Mendonça – guitarra

António “Tó-Zé” Gomes – guitarra

João “Sapo” – baixo

Paulo “Paulinho” Martins – bateria

Gravado no Exit Studio (Lisboa) em

Setembro de 1991

Produção – Ramp

Edição – Polygram